

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Globo

Class.: 53

Data: 27/11/80

Pg.: _____

^{0 fev 80} ^{27.11.80} Tribunal Russell ouve novos relatos sobre etnocídio no Brasil

CLÁUDIO KUCK
Enviado especial

IANOMANIS

ROTTERDAM — Os relatos da situação dos índios brasileiros foram feitos, no Tribunal Bertrand Russel, pelo representante dos tucanos do Rio Negro, Alvaro Sampaio; pela jornalista Memélia Moreira, que denunciou a progressiva destruição dos ianomais; e pelo padre Egidio Schawde, que historiou o caso dos cainganges e guaranis, de Mangueirinha, ameaçados de perder suas terras com a construção de várias barragens na bacia do Rio Uruguai.

A situação dos ianomais — sob ameaça de extinção, segundo o relato da jornalista Memélia Moreira — provocou grande impacto no tribunal, já que eles se constituem numa das últimas nações indígenas a manter o seu sistema de vida e sua cultura, com poucos contatos com a civilização branca. São 17 mil, dos quais dez mil vivem no Brasil e outros sete mil na Venezuela.

Alvaro Sampaio, de 27 anos, que se tornou uma atração no tribunal após o caso Juruna, por ser o único índio brasileiro presente, fez duras acusações aos missionários salesianos, que, segundo disse, "estabeleceram uma ditadura na Prelazia do Rio Negro".

Memélia denunciou a ocupação das terras dos ianomais em Roraima, para a mineração, com as epidemias de sarampo, gripe, tuberculose e doenças venéreas causadas pela aproximação dos brancos o que está dizimando a tribo. Ela afirmou que vem sendo sempre adiada a demarcação das terras da tribo, "imprescindível para a sua sobrevivência".

Ele acusou os religiosos de se apoderarem das terras indígenas, de confiscarem seus trabalhos de artesanato para a venda em Manaus e, ainda, de forçarem a aculturação e a desestabilização das famílias.

CAINGANGUES

— As freiras costumam mandar mulheres índias para trabalharem como domésticas nas casas de famílias de Manaus. Muitas ficam grávidas e são jogadas na rua, tornando-se depois prostitutas. As freiras sabem disso e insistem nessa prática, afirmou.

O padre Egidio Schawde, que relatou o caso dos cainganges e guaranis, também se referiu à ameaça de tomada das terras indígenas, com a construção de várias barragens na Bacia do Uruguai.

Alvaro, que foi convidado para o Tribunal Russel através do escritor Márcio de Souza, manifestou o receio de perseguições, em sua volta a Manaus, alegando que "os salesianos são poderosos e vingativos".

Ele acusou o Governo brasileiro de etnocídio, "por destruir a cultura desses índios, além de retirar suas terras". Disse que vastas glebas indígenas foram ocupadas pelos Governos do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, "com outros 8.975 hectares usurpados pela empresa Slaviere".

QUEM E

OUTROS CASOS

Ele contou que começou a estudar aos dez anos, num internato salesiano de Paricachoeira, fazendo depois o ginásio e o supletivo em São Gabriel até ir para Manaus, em 1973. Ele estava com o propósito de se ordenar sacerdote, mas disse ter tido problemas com o chefe da Prelazia do Rio Negro, dom Miguel Alagna, passando a ser professor dos índios. Prestou serviço militar em 1977, sendo padoleiro do hospital militar, e, depois de dar baixa, tentou três vezes o vestibular para Medicina, sendo aprovado nas duas últimas, sem conseguir vaga, ficando como excedente.

Dois índios guatemaltecos — encapuzados e identificando-se apenas como Pedro e Juana, por receio à repressão em seu país — dominaram ontem o cenário do 4º Tribunal Bertrand Russel, sobre os direitos dos indígenas das Américas.

Os dois acusaram o Governo do general Lucas Garcia de promover a aliança da classe alta com as multinacionais para a usurpação das terras dos índios, que, segundo eles, estão sendo "perseguidos e dizimados". Eles denunciaram "não apenas a destruição das tribos indígenas, mas de todo o povo guatemalteco".